

Patologia Clínica, especialidade central que suporta o ato médico

EM RETROSPECTIVA, A PRESIDENTE DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PATOLOGIA CLÍNICA, PROF. DRA. MARIA JOSÉ REGO DE SOUSA, ABORDA O IX CONGRESSO NACIONAL DE PATOLOGIA CLÍNICA.

Perspetivas (P) – Que balanço faz do IX Congresso Nacional de Patologia Clínica que decorreu entre os dias 21 a 23 de fevereiro?

Maria José Rego de Sousa (MJRS) – O IX Congresso Nacional de Patologia Clínica foi um Congresso de uma enorme importância para a comunidade dos especialistas em Patologia Clínica e para os internos de formação específica de Patologia Clínica. Estiveram presentes cerca de 350 especialistas. O programa foi muito diverso, abrangendo todas as áreas desta tão diversificada especialidade que sustenta todos os atos da Medicina Clínica, e foi também de elevado nível, tendo presentes como Palestrantes muito especialistas de renome quer nacionais quer estrangeiros.

estimular inclusive a atividade científica. O amplo espectro de temáticas está de acordo precisamente com o amplo espectro de temas médicos abordados pelo especialista em Patologia Clínica.

P – Ao longo de dois dias de Congresso várias sessões de trabalho promoveram o “Encontro com Especialistas”, “Sessões Científicas”, “Simpósio” e “Controvérsias”. Quais os temas que geraram maior interesse junto do público e onde se verifica maior avanço científico?

MJRS – Os temas como a Oncogenómica, a Genética das várias áreas Laboratoriais, o microbioma e o uptake de novos testes laboratoriais. Estes temas geraram maior interesse junto do público por serem também temas mais contemporâneos e onde se tem verificado um maior avanço científico.

médico Interno e por médico especialista e assim continuará a fazer nas próximas edições, contribuindo desse modo para a continuidade desta atividade central na profissão médica.

P – Quais as principais conclusões que saíram deste Congresso que reuniu reputados especialistas nacionais e internacionais de diferentes especialidades?

MJRS – A principal conclusão que sai deste Congresso é a identificação da necessidade de um espaço anual como este para uma reunião científica dos patologistas clínicos, algo que foi realçado pela grande maioria dos participantes, que acolheu com grande satisfação o anúncio que a SPPC passaria a organizar o seu Congresso com uma periodicidade anual. Neste Congresso todos nós aprofundámos os nossos conhecimentos através da discussão de temas atuais. A partilha de conhecimento e experiências com colegas portugueses e estrangeiros deixou-nos todos melhores profissionais. Podemos concluir que a Patologia Clínica está viva, saudável e em constante evolução.

P – Qual a preponderância deste evento no incremento de uma melhor e maior inter-relação entre profissionais de Patologia Clínica e outras especialidades?

MJRS – Esta é uma questão central da nossa Sociedade. A Patologia Clínica é uma especialidade central que suporta todos os atos médicos e como tal é fundamental que todos nós estejamos aptos para a interlocução e diálogo com os colegas de outras especialidades. Por isso trouxemos colegas clínicos para debaterem com o laboratório questões que interessam a todos, e que salientam a importância do médico de Patologia Clínica também como consultor do colega clínico na marcha diagnóstica. Por outro lado, quisemos organizar um Congresso em que os Clínicos também se interessassem em assistir. Para quem os temas também fossem importantes e de charneira, contribuindo assim para o estreitamento da comunicação entre as diferentes especialidades

P – Em que medida esta interação melhora a atividade das instituições de saúde onde estes profissionais exercem a sua prática clínica?

MJRS – O especialista de Patologia Clínica deve constituir-se como consultor do clínico para um mais eficiente e eficaz diagnóstico, em prol do doente. Do diálogo entre estas diferentes especialidades, surgem esclarecimentos e orientações que vão permitir uma mais célere clarificação dos quadros diagnósticos assim como das aplicações terapêuticas. Veja-se o caso da oncogenómica e do papel que o Laboratório tem em emitir pareceres que podem permitir orientar para terapêuticas mais personalizadas.



P – Os cinco cursos pré-congresso abordaram desde temas mais técnicos e de grande especificidade clínica como “A medula óssea nas síndromes mielodisplásicas”, até áreas mais abrangentes como a “Escrita Científica” ou “Gestão de Qualidade”. Este amplo espectro de temáticas é reflexo do papel que a Sociedade Portuguesa de Patologia Clínica quer manter junto dos seus associados?

MJRS – A SPPC tem como missão mais estrita a educação e a formação médica diferenciada, orientada quer para o Internos de formação específica de Patologia Clínica, quer para o especialista. Estes cursos têm por objetivo alcançar dotar os interessados de novas e diferenciadas ferramentas que suportem a sua atividade profissional, e

P – Espaço de debate e montra da investigação produzida pelos especialistas, o Congresso Nacional dá voz aos seus membros por via da apresentação de trabalhos. Qual a adesão a estas iniciativas e a sua importância no debate de temáticas entre pares?

MJRS – A adesão foi enorme e muito importante. Foram submetidos 78 abstracts dos quais foram selecionados 16 para comunicações orais. Esta atividade é de enorme importância pois uma sociedade científica tem também por missão o estímulo da atividade científica e desse modo constitui-se um palco de apresentação dos trabalhos, na sua maioria apresentados por internos, que são um treino importante na sua formação específica. Ainda por outro lado, a SPPC distribuiu dois prémios: para o melhor trabalho por

